

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 28 de abril de 2025 às 07h57
Seleção de Notícias

CNBC Brasil Online | BR-SP

Patentes

China domina patentes de IA, segundo estudo de Stanford	3
<small>REDAÇÃO TIMES BRASIL</small>	

MSN Notícias | BR

Direitos Autorais

IGN e Digital Foundry processam OpenAI por uso indevido de conteúdo	4
<small>WILLIAM R. PLAZA</small>	

Terra - Notícias | BR

Direitos Autorais

Multas e roubo de dados: entenda os riscos da IPTV pirata	6
<small>ADRIANO RIBEIRO</small>	

Correio Braziliense | BR

28 de abril de 2025 | Marco regulatório | INPI

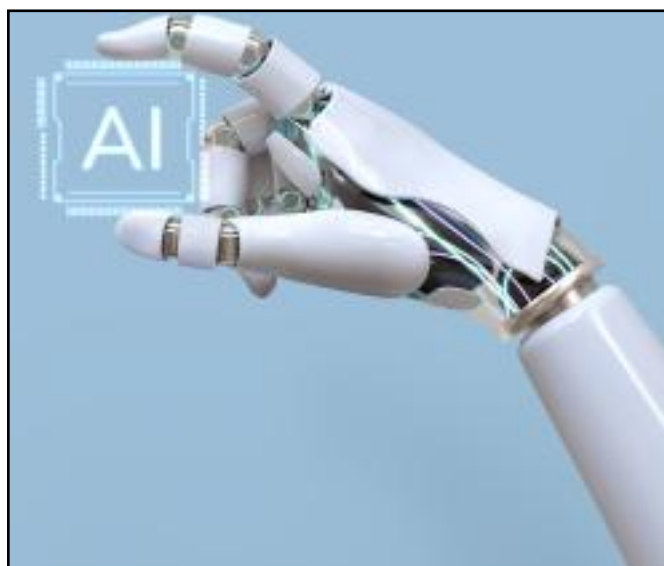
Inovação e patentes em debate	7
<small>ECONOMIA</small>	

Exame.com | BR

Patentes

Indústria farmacêutica da Europa se prepara para dificuldades com ameaça de tarifas de Trump	10
--	----

China domina patentes de IA, segundo estudo de Stanford



vantamento, a OpenAI, por exemplo, publicou 48 artigos entre 2014 e 2023, ocupando a 325ª posição no ranking de publicações, mas seus trabalhos foram citados 11.816 vezes, colocando-a em 13º lugar entre as publicações mais citadas.

-

A China tem se consolidado como líder global no campo das **patentes** de inteligência artificial (IA), acumulando cerca de 70% dos registros mundiais na área, segundo o relatório Artificial Intelligence Index Report 2025, da Universidade Stanford.

No panorama global, a maioria das patentes de IA concedidas é originária da China (69,7%) e dos Estados Unidos (14,2%), com a participação dos EUA diminuindo desde um pico de 42,8% em 2015.

Em relação às patentes de IA per capita, a Coreia do Sul lidera com 17,3 patentes por 100 mil habitantes, seguida por Luxemburgo (15,3) e China (6,1).

Em 2023, a taxa de **concessão** de patentes de IA na China foi de 55%, abaixo do Japão (70%) e do Canadá (77%). No entanto, o Ministério da Indústria e Informação da China prevê que essa taxa pode cair ainda mais, para cerca de 32% em 2024.

Em contrapartida, as patentes e publicações dos EUA são mais citadas globalmente. Segundo o le-

IGN e Digital Foundry processam OpenAI por uso indevido de conteúdo

IGN e Digital Foundry processam OpenAI em uma ação judicial que acusa a empresa de Sam Altman de usar conteúdos protegidos para treinar inteligências artificiais sem permissão. A disputa foi protocolada no estado de Delaware, nos Estados Unidos, e promete abrir novos debates sobre os limites do uso de conteúdo por IA.

O que levou IGN e Digital Foundry a processarem a OpenAI?

Segundo documentos obtidos pelo The New York Times, a acusação afirma que a OpenAI copiou e utilizou, de forma contínua e sem autorização, artigos dos seguintes veículos:

IGN;

Eurogamer;

GamesIndustry.biz;

Rock Paper Shotgun;

VG247;

PushSquare;

PureXbox

Nintendolife.

Eses sites são todos administrados por um mesmo grupo de mídia, que agora busca uma indenização que pode chegar a centenas de milhões de dólares.

A alegação central é que a OpenAI violou **direitos** autorais e diluiu marcas renomadas no mercado de games e tecnologia ao utilizar esse material como base para o treinamento do ChatGPT.

OpenAI defende o uso legítimo dos conteúdos

Em resposta, a OpenAI afirmou que seu uso de conteúdos protegidos estaria coberto pelo conceito de "fair use", alegando que suas tecnologias impulsionam a criatividade, a pesquisa médica e o avanço científico. No entanto, muitos especialistas jurídicos acreditam que essa linha de defesa será testada nos tribunais, especialmente diante da pressão crescente por regulamentação.

O impacto do processo para a indústria de IA

Este não é um caso isolado. Outras organizações de peso, como o próprio The New York Times, News Corp (dona do The Wall Street Journal) e autores como George R. R. Martin e Sarah Silverman, também movem processos semelhantes contra a OpenAI. O Autor Toby Walsh, da Universidade de Nova Gales do Sul, chegou a afirmar que o treinamento de IA é o "maior roubo da história da humanidade".

O cenário mostra que o mercado editorial está dividido entre ações judiciais e acordos comerciais.

Por exemplo, a Future Publishing, dona de veículos como PC Gamer, GamesRadar e Edge, optou por firmar um acordo para licenciar seu conteúdo à OpenAI, permitindo o uso autorizado em troca de compensação financeira.

Continuação: IGN e Digital Foundry processam OpenAI por uso indevido de conteúdo

Impacto também no mercado de games

O debate sobre o uso de inteligência artificial sem consentimento já começa a gerar reflexos em outras áreas. Recentemente, o jogo Doom: The Dark Ages enfrentou problemas com dubladores espanhóis que

se recusaram a trabalhar no projeto até que a Microsoft garantisse proteção contra o treinamento de IA usando suas vozes. O impasse foi resolvido, mas deixou claro que a discussão sobre **direitos** autorais vai além dos textos escritos.

Multas e roubo de dados: entenda os riscos da IPTV pirata



Estima-se que, em 2024, cerca de 30% dos consumidores desses serviços clandestinos sofreram algum tipo de ataque cibernético, resultando em perdas financeiras que ultrapassaram R\$ 500 milhões

O crescimento do IPTV no Brasil trouxe alternativas legais e gratuitas para o consumo de conteúdos ao vivo e sob demanda, como Pluto TV, Samsung TV Plus e LG Channels. No entanto, o uso de serviços ilegais de IPTV - que distribuem sinais de TV paga sem autorização - expõe milhões de consumidores a graves riscos de segurança e problemas legais.

De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), além de violar leis de **direitos** autorais, os usuários de IPTV pirata estão altamente vulneráveis a golpes digitais. Estima-se que, em 2024, cerca de 30% dos consumidores desses serviços clandestinos sofreram algum tipo de ataque cibernético, resultando em perdas financeiras que ultrapassaram R\$ 500 milhões.

Os perigos não se limitam apenas a danos financeiros. Muitas vezes, aplicativos ou dispositivos usados para acessar IPTV pirata instalam malwares que capturam informações pessoais, incluindo dados bancários e senhas. Além disso, a instabilidade do serviço, travamentos frequentes e baixa qualidade de imagem são problemas comuns entre os usuários dessas plataformas ilegais.

Embora a legislação brasileira concentre esforços na responsabilização dos distribuidores e vendedores, quem consome IPTV ilegal também pode ser alvo de sanções. Multas que variam de R\$ 3 mil a R\$ 20 mil podem ser aplicadas a quem utiliza dispositivos "TV Box" não homologados para acessar conteúdos piratas. Em casos de investigações, usuários também podem ser chamados a prestar esclarecimentos na Justiça.

Para evitar esses riscos, a recomendação é utilizar apenas plataformas legalizadas, disponibilizadas oficialmente em lojas de aplicativos como Google Play e App Store. Serviços como Pluto TV, Samsung TV Plus e LG Channels operam com licenças de distribuição de conteúdo, oferecem segurança digital e são integrados diretamente em dispositivos confiáveis, como smart TVs.

A Anatel orienta que, antes de adquirir qualquer aparelho de streaming, o consumidor verifique sua homologação no site da agência. Além disso, desconfie de ofertas muito baratas que prometem milhares de canais por preços irrisórios. Outra medida importante é manter antivírus ativos nos dispositivos e não instalar aplicativos de origem duvidosa.

Em caso de suspeita de fraude ou oferta de IPTV pirata, a recomendação é denunciar às autoridades competentes, como a Polícia Civil ou a própria Anatel, utilizando canais oficiais de atendimento.

Inovação e patentes em debate

ECONOMIA



Renato Porto, da Interfarma: inovar nesse setor não é simples Gustavo Moraes, engenheiro: investimentos dependem de segurança



Renato Porto, da Interfarma: inovar nesse setor não é simples

Evento organizado pelo jornal, em parceria com a **Interfarma**, ocorre amanhã, a partir das 9h, tendo dos objetivos jogar luz sobre os gargalos e os caminhos para o avanço da **propriedade** intelectual na área da saúde

O Correio sediará, amanhã, a partir das 9h, o seminário "**Propriedade** Intelectual: desafios e avanços na proteção e inovação". O evento, realizado em parceria com a **Associação** da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (**Interfarma**), trará ao auditório do jornal, especialistas e autoridades para discutir a importância da pesquisa, da inovação e da defesa das **patentes** no país.

Dos nomes confirmados, destacam-se o jurista e ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo; o presidente da **Interfarma**, Renato Porto; Júlio César Castelo Branco Reis Moreira, presidente do **Instituto** Nacional de Propriedade Industrial (INPI); e Gustavo de Freitas Moraes, engenheiro eletricista e advogado com especialização em propriedade intelectual obtida no Franklin Pierce Law Center (EUA).

O tema central dos debates é a **propriedade** intelectual e as questões relacionadas aos desafios para a inovação no setor de saúde. Os painéis terão a **mediação** dos jornalistas Denise Rothenburg e Carlos Alexandre de Souza. Os debates poderão ser acompanhados pelo site do Correio e pelas redes sociais do veículo de comunicação.

Em conversa com o Correio, Renato Porto e Gustavo Moraes destacaram que um dos objetivos do debate é jogar luz sobre os gargalos e os caminhos para impulsionar a inovação em saúde no país. Descrita como fundamental pelos especialistas, a inovação em saúde impacta diretamente na vida das pessoas por meio do desenvolvimento de novos tratamentos e medicamentos.

Continuação: Inovação e patentes em debate



Gustavo Morais, engenheiro: investimentos dependem de segurança

Renato Porto, contudo, faz um alerta de que "inovar nesse setor não é simples, pois é um processo que envolve muito risco, demora muito tempo e tem altos custos". Estudos indicam que, de milhares de moléculas pesquisadas, apenas uma se torna um produto, e o ciclo

de desenvolvimento pode levar de 10 a 15 anos.

Diante dessa realidade, Porto afirma não ser "possível imaginar a inovação sem a segurança jurídica, ou seja, sem proteger os direitos daqueles cientistas, daquelas empresas que se esforçaram tanto".

A propriedade intelectual, especialmente o sistema de **patentes**, é vista como uma peça importante nesse ecossistema, concedendo um período de exclusividade de 20 anos para invenções

que são novas e não óbvias, incentivando o investimento privado sem a necessidade de subsídios estatais. "A robustez do sistema de patentes certamente é um dos fatores que define como e onde investimentos serão feitos", afirma Gustavo Morais.

Ele explica que, no campo farmacêutico, a patente é essencial porque os testes clínicos são "caríssimos e bastante incertos", e "ninguém fará um investimento desses sem haver segurança quanto à exclusividade temporária".

Desafios

Os especialistas apontam múltiplos desafios à inovação em saúde no Brasil. Gustavo Morais reforça que o principal deles é a insegurança jurídica. Ele cita a recente decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que "reduziu o prazo das patentes farmacêuticas, mesmo quando houve um atraso relevante e injustificado". Além disso, "existem projetos de lei pendentes [no] Congresso e possíveis iniciativas do próprio **INPI** que visam modificar substancialmente o trâmite de patentes no Brasil".

Outro desafio no campo da inovação em saúde é o longo prazo para a **concessão** de patentes pelo **INPI**. Embora a previsão atual seja de até seis anos em média, levantamento indica que o período para o governo conceder uma patente pode chegar a nove anos e seis meses. Esse tempo prolongado de análise pelo Estado brasileiro implica o exercício efetivo do direito de proteção de

20 anos, em alguns casos, ocorra por apenas 7 a 10 anos.

Para Renato Porto, da **Interfarma**, outros desafios incluem a necessidade de um ambiente "mais favorável à execução de pesquisas [clínicas]", uma melhor relação "entre centros universitários, centros de pesquisas e empresas patrocinadoras", e uma maior compreensão "do valor da inovação, do ciclo de inovação, do grau de desafio deste processo". E crucial garantir "normas e processos administrativos estáveis e harmonizados internacionalmente, seja na perspectiva da **propriedade** intelectual, seja do processo regulatório, seja dos desafios de acesso etc."

Caminhos

Superar esses desafios passa, segundo Porto e Moraes, por garantir "segurança jurídica, regulatória e previsibilidade". É fundamental ter "normas claras e harmonizadas com as melhores práticas internacionais".

A solução para o problema na demora dos prazos de **concessão** de patentes pelo **INPI**, na avaliação de **Interfarma**, passa pelo "fortalecimento do **INPI** de forma a prover o órgão com recursos para a prestação eficiente dos serviços". A entidade reconhece os esforços do **INPI** em reduzir o prazo de análise para três anos em 2025 e dois anos até 2026, mas argumenta a necessidade de discutir uma alteração na Lei de

Propriedade Industrial para prever um mecanismo de recomposição de prazos para patentes que sofram atrasos injustificados. Para a entidade, "a proteção das patentes é fundamental para garantir a continuidade dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento".

O evento "**Propriedade** Intelectual como Motor da Inovação: desafios e avanços na proteção à inovação" promete aprofundar essa discussão, questionando se o Brasil está aproveitando sua capacidade máxima na atração de investimentos para o setor.

Indústria farmacêutica da Europa se prepara para dificuldades com ameaça de tarifas de Trump



Há meses, presidente dos EUA vem prometendo impor tarifas mais altas sobre produtos farmacêuticos como parte de seu plano para reorganizar o sistema comercial global

Insulina, tratamentos cardíacos e antibióticos têm circulado livremente entre muitos países há décadas, isentos de tarifas para tornar os medicamentos mais acessíveis. Mas isso pode mudar em breve. Há meses, o presidente Donald Trump vem prometendo impor tarifas mais altas sobre produtos farmacêuticos como parte de seu plano para reorganizar o sistema comercial global e trazer de volta para os Estados Unidos indústrias-chave de manufatura. Por ora, remédios e outros produtos farmacêuticos ficaram de fora das tarifas de Trump.

Neste mês, ele afirmou que tarifas sobre medicamentos podem ser implementadas no "futuro não muito distante". Se isso acontecer, a medida terá consequências sérias - e altamente incertas - para medicamentos produzidos na União Europeia.

REVISTA EXAME: Trump tem início de mandato arrasador em muitas frentes - e com recorde de medidas desde a 2ª Guerra

Produtos farmacêuticos e químicos são a principal exportação do bloco para os Estados Unidos. Entre

eles estão o sucesso de vendas para perda de peso Ozempic, tratamentos contra o câncer, medicamentos cardiovasculares e vacinas contra a gripe. A maioria são medicamentos de marca que geram grandes lucros no mercado americano, conhecido por seus altos preços e enorme base de consumidores.

- Esses são produtos essenciais que mantêm as pessoas vivas - disse Léa Auffret, responsável pelos assuntos internacionais da BEUC, a Organização Europeia de Consumidores. - Colocá-los no centro de uma guerra comercial é extremamente preocupante.

Reação europeia às tarifas de Trump

As empresas europeias podem reagir às tarifas de Trump de várias maneiras. Algumas farmacêuticas, tentando escapar das tarifas, já anunciaram planos de aumentar a produção nos Estados Unidos, conforme deseja Trump. Outras podem decidir transferir a produção para lá posteriormente.

Algumas empresas parecem dispostas a manter suas operações atuais, mas podem aumentar os preços para compensar as tarifas, elevando os custos para os pacientes. E preços mais altos podem afetar não apenas os consumidores americanos, mas também pacientes europeus.

PARA TER CONTEXTO:

'As tarifas são a parte fácil': o que pensa o gestor que entendeu - e está ganhando com Trump

10 lições dos últimos 197 anos sobre os efeitos das tarifas de Trump

Tarifaço de Trump entra em vigor e põe em xeque uma das maiores parcerias comerciais da história

Algumas empresas já começaram a defender que a

Continuação: Indústria farmacêutica da Europa se prepara para dificuldades com ameaça de tarifas de Trump

Europa crie condições mais favoráveis para seus negócios, eliminando certas regras que mantêm os preços dos medicamentos baixos.

Ou pode haver uma solução intermediária: as empresas poderiam transferir seus lucros financeiros para os Estados Unidos para fins contábeis, evitando as taxas de importação, enquanto mantêm suas fábricas físicas no exterior para escapar dos altos custos de mudança e da dificuldade de montar novas cadeias de suprimento.

O grupo de Auffret já alertou autoridades europeias que não devem retaliar com tarifas sobre medicamentos americanos: uma resposta olho por olho traria um custo sério demais para os consumidores europeus.

Mas o setor farmacêutico é complicado. Acordos com companhias de seguros e agências governamentais podem dificultar a rápida alteração de preços de medicamentos de marca, enquanto regulamentações governamentais tornam a mudança de produção um desafio e um compromisso de longo prazo. O resultado é que ninguém pode prever com confiança o desfecho.

- Não tarifamos produtos farmacêuticos há muito tempo - disse Brad W. Setser, economista do Conselho de Relações Exteriores que estudou de perto as regras fiscais que incentivam a produção no exterior.

Suspensão: até quando?

Mesmo enquanto Trump suspende suas chamadas tarifas "recíprocas" em favor de uma taxa geral de 10% durante o período de pausa, ele manteve algumas tarifas específicas por setor e deixou claro que os chips de computador e os produtos farmacêuticos seriam os próximos. Os Estados Unidos iniciaram recentemente investigações sobre ambos os setores, um primeiro passo para a aplicação de tarifas.

Muitos especialistas da indústria esperam que as no-

vas tarifas possam ser de 25%, em linha com as aplicadas ao aço, alumínio e automóveis.

Irlanda: farmacêuticos são 80% das exportações aos EUA

Para os países no centro da indústria farmacêutica europeia, as possíveis tarifas são particularmente preocupantes. Isso é especialmente verdadeiro para a Irlanda, onde os produtos farmacêuticos representam 80% de todas as exportações para os Estados Unidos.

Muitas empresas farmacêuticas originalmente se mudaram para a Irlanda por causa das baixas taxas de imposto corporativo. Mas o país também trabalhou para desenvolver sua indústria farmacêutica e oferece acesso a uma força de trabalho altamente qualificada.

Nos últimos anos, o setor cresceu rapidamente. Mais de 90 empresas farmacêuticas estão atualmente estabelecidas na Irlanda, de acordo com a Agência de Investimento Estrangeiro Direto do país, e muitas das maiores farmacêuticas americanas têm operações lá.

No ano passado, a indústria farmacêutica irlandesa exportou 58 bilhões de euros (cerca de 66 bilhões de dólares) em produtos farmacêuticos e químicos para os Estados Unidos.

"Os irlandeses são espertos, sim, muito espertos", disse Trump em março, enquanto o primeiro-ministro irlandês Micheál Martin visitava a Casa Branca. "Vocês levaram nossas empresas farmacêuticas e outras companhias", afirmou.

"Esta bela ilha de 5 milhões de pessoas tem toda a indústria farmacêutica dos EUA em suas mãos."

Agora, as tarifas podem começar a corroer os benefícios de produzir lá - o que é exatamente o objetivo de Trump.

Continuação: Indústria farmacêutica da Europa se prepara para dificuldades com ameaça de tarifas de Trump

- Nos EUA, não fabricamos mais nossos próprios medicamentos - disse Trump na semana passada a partir do Salão Oval, acrescentando que "as empresas farmacêuticas estão na Irlanda."

As empresas já estão se preparando. Estatísticas sugerem que muitas têm corrido para exportar seus produtos farmacêuticos da Irlanda para o mercado americano antes que as tarifas sejam aplicadas.

E a Irlanda não é o único país afetado. Alemanha, Bélgica, Dinamarca e Eslovênia também são grandes exportadores.

- É uma questão enorme para a Europa - disse Penny Naas, que lidera um programa de competitividade no think tank German Marshall Fund e trabalha há muito tempo em políticas públicas e assuntos corporativos europeus.

Transferência de investimentos para os EUA

Ursula Von der Leyen destacou que a UE responderá 'unida' às tarifas americanas (Frederik Florin/AFP)

Líderes europeus vêm buscando diálogo tanto com autoridades dos EUA quanto com a indústria. Além da recente visita do primeiro-ministro irlandês ao Salão Oval, o ministro das Relações Exteriores da Irlanda viajou a Washington para se reunir com a secretária de Comércio.

Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia, reuniu-se em Bruxelas com a Federação Europeia de Indústrias e Associações Farmacêuticas, o grupo de lobby que representa os maiores fabricantes de medicamentos da Europa.

A indústria está aproveitando o momento para pressionar por demandas antigas, como a redução da burocracia.

O grupo de lobby farmacêutico europeu disse a von

der Leyen que as empresas poderiam transferir a produção ou os investimentos para os Estados Unidos para limitar sua exposição às tarifas de Trump, especialmente em um momento em que aprovações mais rápidas e acesso facilitado a capital tornam os EUA mais atraentes.

Pelo menos 18 membros do grupo, que inclui Bayer, Pfizer e Merck, planejam investir cerca de 165 bilhões de euros na UE nos próximos cinco anos. A federação alertou que até metade desse valor poderia ser redirecionado para os EUA. E não está sozinha nessa previsão.

- A indústria farmacêutica precisa de condições mais atraentes para produzir na Europa - disse Dorothee Brakmann, diretora da **Pharma** Deutschland, a maior associação de empresas farmacêuticas da Alemanha.

Esses alertas parecem ter fundamento. Algumas empresas já começaram a anunciar planos para investir mais nos Estados Unidos; a Roche, por exemplo, anunciou na semana passada um plano de investimento de US\$ 50 bilhões no mercado americano, o mais recente de uma série de anúncios semelhantes.

Em um artigo publicado na semana passada, os CEOs da Novartis e da Sanofi sugeriram que reduzir a regulamentação não seria suficiente para conter a fuga de investimentos. Eles argumentaram que "os controles de preços e as medidas de austeridade da Europa reduzem a atratividade de seus mercados" e que o bloco deveria abrir caminho para preços mais altos.

Executivos da indústria também alertaram que tarifas sobre o setor poderiam prejudicar cadeias de suprimento, limitar o acesso de pacientes a medicamentos e desestimular a pesquisa e desenvolvimento.

"Existe um motivo" para as tarifas sobre medicamentos serem fixadas em zero, disse Joaquin

Continuação: Indústria farmacêutica da Europa se prepara para dificuldades com ameaça de tarifas de Trump

Duato, CEO da Johnson & Johnson, durante uma recente teleconferência de resultados:

- É porque tarifas podem causar interrupções na cadeia de suprimentos, levando a escassez de medicamentos.

Von der Leyen enfatizou preocupações semelhantes, alertando que tarifas sobre o setor farmacêutico representam riscos para "cadeias de suprimento globalmente interconectadas e para a disponibilidade de medicamentos tanto para pacientes europeus quanto americanos".

As tarifas farmacêuticas também apresentam outro perigo para a UE. O bloco vem tentando fortalecer sua capacidade de fabricar medicamentos genéricos - produtos medicamento essenciais, mas muito menos lucrativos do que os de marca - , cuja produção é frequentemente baseada na Ásia.

Mas, se tarifas dos EUA fizerem com que fabricantes de genéricos na China e na Índia procurem novos mercados fora da América, isso pode levar a uma enxurrada de pílulas mais baratas do que o habitual entrando na Europa.

Isso tornaria ainda mais difícil para a UE estabelecer uma base de produção doméstica de genéricos, ao mesmo tempo em que as tarifas atraem a produção de medicamentos de marca para os Estados Unidos.

- Achamos que é provável que isso leve a um aumento dos investimentos nos EUA- disse Diederik Stadig, economista setorial do ING.- A Comissão Europeia precisa estar atenta.

Índice remissivo de assuntos

Patentes

3, 7, 10

Direitos Autorais

4, 6

Marco regulatório | INPI

7

Propriedade Intelectual

7

Propriedade Industrial

7

Entidades

7